



Editor: *Instituto Politécnico de Santarém*
Coordenação: *Gabinete coordenador do projecto*

Ano 5; N.º 191; Periodicidade média semanal; ISSN:2182-5297; [N.17]

FOLHA INFORMATIVA N.º 24-2012

Um dia na pesca, de redes vazias...

As profundas alterações socioeconómicas ocorridas nas últimas décadas ditaram o rumo de alguns Pescadores da Borda-d'água (se não da maior parte), como é o caso do Ti Jaime Fernandes e sua família. Avieiro nascido no Patacão de Baixo, no concelho de Alpiarça, há perto de oitenta anos, mantém os usos e costumes desta comunidade, embora a forma de vida se tenha modificado.

“Por esta altura, pró ano, já digo que tenho duas vezes quarenta anos” – graceja, bem-disposto. É na Chamusca que reside e resiste, enquanto pescador destas águas brandas do Tejo, de uma brandura tamanha, que os tempos das cheias traiçoeiras, já se vão apagando da memória. O Tejo, na sua escassez atual oferece apenas uns lances de redes vazias.



Ti Jaime Fernandes na tarefa de lançar as redes

Na zona da Chamusca, são poucos os pontos onde o Tejo é mais ousado. Aí ainda atinge, mercê da atividade de extração de areia, perto da ponte, uns dez ou doze metros “de fundo”. O percurso do rio em que Ti Jaime pesca, a montante, pouco ou nada lhe tem oferecido, ultimamente. Porém, continua a dizer-se pescador e continua a lançar as redes todos os dias.

Fez-se também agricultor. Já em jovem, aliava a apanha do melão e do tomate, ou outros trabalhos no campo, à arte da pesca. Ganhava mais uns “tostões” nas quintas e hortas das redondezas. Agora é proprietário de um terreno agrícola. Chama-lhe o “campo” que “amanha”, vendendo depois o que daí consegue arrancar à terra. Os remos convivem com as enxadas e demais alfaias agrícolas e a venda de melão, tomate, couve, alface e abóbora compensa o peixe escasso que pesca.

Foi o caminho encontrado por muitos. E nos anos de seca como este, o rio é uma magra fonte de receitas. O fraco caudal é mau prenúncio.

O “peixe de arribação”¹ continua a vir, diz-nos Ti Jaime. Não é tanto, mas ainda há. O pior é as redes que ficam presas nos “pregadores”² devido ao assoreamento do rio.

E foi esta experiência, de redes presas e completamente vazias que vivemos na sua companhia e da D. Maria Lameira...

Início de tarde do dia vinte e dois de Fevereiro de 2012, um sábado de sol e algum vento frio. Passavam poucos minutos das catorze horas e já o casal avieiro nos esperava, para o que seria apenas mais um dia de pesca para eles, mas algo inédito para nós. Na carrinha transportam as redes, as botas e um avental de borracha, os remos verdes e o motor fora de bordo. A mulher, com um sorriso discreto, como sempre, já está preparada para a tarefa. Na cabeça tem um lenço amarrado em nó sobre o queixo. Veste um casaco grosso e por debaixo dele uma bata florida. Percebe-se que usa mais agasalhos, pois está habituada a enfrentar noites e dias frios no Tejo. As malhas quentes são uma boa protecção, tal como as botas de borracha que calça. Ainda assim, não irá evitar que a água lhe ensope os pés, ao preparar a bateira para a faina.



O trabalho de preparação do barco

¹ Sável, lampreia, fataça, entre outras espécies. Os avieiros dão o nome de “peixe de arribação” aos que sobem o rio para desovar

² “Pregadores” podem ser paus, troncos de árvore ou pedras existentes no fundo do rio, que prendem as redes quando estas passam por cima

O senhor Jaime é um homem alto. Figura imponente que parece tudo dominar. Tal como Maria Lameira, calça botas altas de borracha e veste um casaco grosso de flanela axadrezada. A sua robustez física e a energia com que fala, enquanto tira o motor e as redes da carrinha, são invejáveis. Recusa ajuda. Apenas aceita as mãos da companheira para colocar as redes no barco. O trabalho de colocação dos remos cabe-lhe a ela. Senta-se à proa e assume a tarefa de levar a bateira para o leito do rio.



Tudo a postos

Com a ponta dos remos e uma vara, o barco é empurrado para água mais funda. A poucos metros da margem, já Maria Lameira rema sozinha, conduzindo o barco contra a corrente. A tarefa deve ser árdua, mas parece incrivelmente fácil. No barco estão cinco pessoas, mais as redes e o motor. Enquanto a mulher rema, o marido coloca o avental de borracha, senta-se à popa e vai conversando. Deslocamo-nos rios acima. Depois, Maria Lameira recolhe os remos e o motor do barco é ligado. Ao chegar a um ponto do rio, que para o casal avieiro é diferente dos outros, desliga-se o motor. Os remos orientam o barco. Entre o casal o entendimento é absoluto, tal como as tarefas que cada um desempenha. A rede é lançada à água, pouco a pouco. Ti Jaime solta-a devagar, num semicírculo largo para cercar o peixe, enquanto a mulher mantém o rumo.



As redes que aguardam o peixe

Depois, aparentemente, o barco imobiliza-se. Uma paragem enganadora, já que a paisagem corre lá ao fundo. Mais perto, a margem parada. Uma ilusão de óptica que surpreende quando olhamos os dois planos sobrepostos.

Aguarda-se cerca de quinze minutos, mantendo-se a conversa. Pergunta-se sobre redes, pesca, histórias de pesca e barcos. Ti Jaime é um bom conversador e não se faz rogado a responder. “Vimos à pesca da lampreia, mas se a rede apanhar fataça ou sável, é bom na mesma. Esta rede é uma *sabugar*, pesca fataça, lampreia, sável, saboga, pesca qualquer peixe. Mas existem outras, as saveiras e as varinas para a apanha do sável que têm a malha mais larga e depois há outras ainda, a branqueira e o estremalho. Mas esta serve para a lampreia.”

Começa, então, a tarefa de recolher as redes. Maria Lameira vai remando, enquanto o marido puxa lentamente. Apenas limos se oferecem aos nossos olhos.



“Ultimamente não temos pescado nada. Tem sido assim. Mas continuamos a vir à pesca todos os dias.”

Até que a bóia fosse recolhida, manteve-se a expectativa de ver surgir uma lampreia ondulante. Mas não. Este lance não traria peixe algum.

Leva-se o barco um pouco mais para montante e faz-se novo lançamento. Pela segunda vez, a rede

cai na água, habilmente desenrolada pelas mãos de Ti Jaime, e, mais uma vez, Maria Lameira acompanha este lançamento descrevendo uma curva larga no rio.

De novo a espera. De novo a esperança. E de novo as redes recolhidas, sujas e vazias.

A pesca tem destas coisas. Dias bons, dias menos bons e dias em que nada vem à rede. Hoje para além de um *pregador* que a prendeu, que Ti Jaime soube soltar e que Maria Lameira soube evitar da segunda vez, graças a uma precisão incrível de localização, nada mais tocou na malha esverdeada.

Voltou-se ao Porto da Cortiça. Prendeu-se o barco. Retirou-se o motor, depois os remos, as redes e encetou-se o caminho de regresso.

“Têm de cá vir outra vez. Pode ser que a sorte mude. Agora “inda” vou ao campo que amanhã ela vai à venda”.

E simplesmente, conformados com as redes vazias, despediram-se, prometendo uma açorda de sável quando algum “viesse à rede”.

Bem hajam pela experiência que nos permitiram viver. Uma emoção que, certamente, será mais intensa, quando pudermos ver no fundo do barco o peixe a saltar, o vosso olhar de satisfação e a certeza de que o rio continua a fazer parte da vossa e nossa vida.

Um testemunho em imagens









Um casal, uma vida de cumplicidade...o mesmo olhar fitando o rio

Ana Paula Pinto

Fotos de Carlos Vitorino